



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 11 – Ano VI – 05/2017  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## A Influência do Contexto Ambiental no Desenvolvimento de Crianças na Primeira Infância

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rosane Luzia de Souza Morais  
Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente pela  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG/MG - Brasil  
Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Minas Gerais - UFVJM - Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/7233582440213110>  
E-mail: [rosane.morais@ufvjm.edu.br](mailto:rosane.morais@ufvjm.edu.br)

Alysson Massote Carvalho  
Doutor em Psicologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP  
Diretor Geral do Instituto Presbiteriano Gamonn, Lavras, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/2179011515035695>  
E-mail: [diretorgeral@gammon.br](mailto:diretorgeral@gammon.br)

Lívia de Castro Magalhães  
Doutora em Educação, University of Illinois at Chicago – Illinois/EU  
Professora Titular do Departamento de Terapia Ocupacional, Escola Educação  
Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional,  
da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/5317859881424250>  
E-mail: [liviacmag@gmail.com](mailto:liviacmag@gmail.com)

**Resumo:** A Primeira Infância é um período fundamental para o desenvolvimento, em todos seus domínios - cognitivo, afetivo-social e psicomotor. O desenvolvimento infantil é um processo em que fatores intrínsecos à criança, relacionados à sua herança genética, interagem com fatores biológicos e fatores ambientais. A presente revisão tem como objetivo apresentar os principais pontos discutidos na literatura sobre a influência da qualidade do contexto ambiental no desenvolvimento infantil

nos primeiros anos de vida. Serão apresentados os contextos ambientais imediatos à criança - a família/casa, o ambiente educacional/creche e a vizinhança. Em cada um destes contextos ambientais será dado destaque aos fatores de risco socioeconômicos, visando fomentar discussão sobre estratégias de intervenção e políticas públicas para crianças que expostas a condições economicamente desfavorecidas.

**Palavras-chave:** criança, desenvolvimento infantil; ambiente sociocultural.

## **Introdução**

O desenvolvimento humano é um processo de continuidade e mudanças nos diferentes domínios do comportamento humano - motor, cognitivo/linguagem e psicossocial - que ocorre ao longo do ciclo da vida (Short-Degraff; Palisano, 1988). Trata-se de processo multifacetado em que fatores intrínsecos à criança, relacionados à sua herança genética, interagem com fatores biológicos e fatores externos, provenientes do ambiente físico, social, cultural e emocional em que a criança vive (Bronfenbrenner, 1994; Engle; Black, 2008).

A Primeira Infância, de 0 a 36 meses de idade, é um período fundamental para o desenvolvimento humano em todos seus domínios, isso ocorre porque, mesmo após o nascimento, o cérebro encontra-se em intensa organização neurofisiológica, propiciando período de grande riqueza e potencialidade para o desenvolvimento (Thompson; Nelson, 2001). Os primeiros anos de vida pós-natal são marcados por acontecimentos importantes como crescimento axonal e dendrítico, sinaptogênese, poda sináptica e mielinização (Thompson; Nelson, 2001). Todos os eventos desse período estão sob influência do contexto ambiental físico, social, econômico e emocional (Deater-Deckard; Cahill, 2006; Hackman; Farah, 2008; Blair; Raver, 2012).

O contexto ambiental que a criança vivencia exerce importante papel no desenvolvimento infantil (Grantham-Mcgregor *et al.*, 2007; Blair; Raver, 2012), com destaque para o ambiente familiar (Hungerford; Cox, 2006; McCartney, 2006; Guralnick, 2006; Bornstein; Tamis-LeMonda, 2010), Cabe aos pais prover necessidades básicas como afeto, alimentação, condições adequadas de higiene e saúde, segurança, além de promover ambiente estimulante para o desenvolvimento

infantil. Ainda, são eles que transmitem aos filhos valores culturais e educacionais, que dão suporte as demandas de adaptação social (Irwin *et al.*, 2007; Eagle; Black, 2008). Além da casa, cada vez mais se tem destacado a influência de ambientes educacionais no desenvolvimento infantil, pois, com a maior participação da mulher no orçamento familiar, as crianças têm ido cada vez mais cedo para creches, onde passam de 4 a 12 horas diárias (Pacheco; Dupret, 2004). Embora ainda pouco estudado, outro ambiente que pode exercer influência direta ou indireta no desenvolvimento da criança é a vizinhança onde a família reside (Coulton *et al.*, 1996; Caughy; O'Campo, 2006; Kohen *et al.*, 2008; Huston; Bentley, 2010). Segundo Kohen *et al.* (2008), nos primeiros anos de vida a exposição direta da criança à vizinhança é limitada, mesmo assim, há evidências de associação entre a influência das condições socioeconômicas da vizinhança e o desenvolvimento infantil nesse período.

A presente revisão crítica tem como objetivo apresentar os principais pontos discutidos na literatura sobre a influência do contexto ambiental no desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida. Serão abordados os contextos ambientais imediatos à criança - a família/casa, o ambiente educacional/creche e a vizinhança, sempre destacando a influência de fatores de riscos socioeconômicos.

## 2. A ambiente da família: a casa

O bebê humano não pode crescer e se desenvolver como um indivíduo solitário. É, portanto, função dos pais oferecer proteção e suprir suas necessidades básicas para sobrevivência. No entanto, não basta ser trocado, alimentado e aquecido, para o desenvolvimento favorável é fundamental ter cuidadores sensíveis para compreender e responder prontamente aos seus sinais, cuidadores capazes de oferecer aceitação, segurança e proximidade, permitindo, assim que a criança estabeleça vínculos afetivos seguros (Bornstein; Tamis-LeMonda, 2010). A formação de bom vínculo afetivo entre os pais e a criança promove, nos anos subsequentes, adequada regulação das emoções, ou seja, a criança lida melhor com suas frustrações, é mais atenta e segura (Hungerford; Cox, 2006). Um ambiente de aceitação e forte interação entre os pais e filhos propicia liberdade para a criança comunicar seus desejos e interesses. Assim, a criança poderá manifestar sua

curiosidade por meio da exploração ambiental, favorecendo o desenvolvimento, não apenas emocional, mas também social, cognitivo e motor (Guralnick, 2006).

No entanto, trata-se de uma relação de reciprocidade, o adulto modela o comportamento da criança, mas o bebê também modela a conduta do adulto (Bronfenbrenner, 2011). A díade adulto-criança, geralmente mãe-filho (a), interage de forma a responder e se adaptar um ao outro. Nessa relação o que determina as práticas de cuidado com a criança não são apenas os sentimentos, as crenças e a saúde mental da mãe, mas também comportamentos específicos de resposta da criança. As características individuais do bebê ao nascer, como intensidade do choro, a capacidade de se acalmar e lidar com os estímulos sensoriais, afetarão, em curto e longo prazo, sua adaptação ambiental (Kelly; Barnard, 2006). Assim, o laço afetivo mútuo motiva o interesse da criança e o engajamento em atividades de exploração, manipulação e elaboração no ambiente físico e social (Bronfenbrenner, 2011).

Os pais também são responsáveis por organizar uma variedade de experiências, dentro de casa e na comunidade, que favorecem o desenvolvimento infantil. São rotinas, brincadeiras e atividades, bem como oferta de brinquedos, livros e materiais que promovem ambiente apropriadamente estimulante. Na comunidade, os pais introduzem os filhos em ambientes de convívio social, como praças e parquinhos, ou nos ambientes sociais habituais da família, como grupos de atividades religiosas, clubes, passeios e encontros com parentes (Guralnick, 2006).

Embora no microsistema familiar a relação diádica mãe-filho(a) seja usualmente a mais estudada, os outros membros do núcleo familiar também exercem importante papel no desenvolvimento infantil (Sarkadi *et al.*, 2008; Dunn, 1988). A família na sociedade moderna tem diferentes composições (Parke, 2004), porém destaca-se o papel do pai e dos irmãos.

Alguns autores propõem que o pai exerce papel indireto sobre o desenvolvimento da criança, mediado pela mãe (Bornstein; Sawyer, 2006; Cabreira *et al.*, 2011). Entretanto, outros autores (Marsiglio *et al.*, 2000; Parke, 2004) afirmam que o papel do pai, após o controle dos efeitos dos cuidados da mãe, é reconhecido na atualidade como distinto e único no desenvolvimento da criança. Embora atualmente haja grande número de filhos criados apenas pela mãe, o pai muitas vezes tem convivência com o filho, ou mesmo, um pai substituto (avô, tio, namorado

da mãe) assume o papel do pai biológico (Sarkadi *et al.*, 2008). Segundo Osfsky e Thompson (2009), os pais são menos envolvidos nas atividades de cuidado, mas interagem com a criança por meio de brincadeiras, principalmente motoras e mais agitadas.

Plomin e Daniels (2011), em estudo de revisão, afirmam que o nascimento subsequente dos filhos, após o primeiro, altera o papel de cada membro da família e afeta as interações entre os membros e da família como um todo. Esses autores ressaltam, ainda, que crianças de uma mesma família podem ser influenciados por diferentes fatores, como a ordem de nascimento, o gênero a qual pertencem, a idade cronológica, a relação com os pais e com os outros irmãos. Observa-se, ainda, a influência dos pares fora do contexto familiar, como, por exemplo, os colegas da creche (Plomin; Daniels, 2011). Embora não existam dados conclusivos, o desenvolvimento dos irmãos mais novos parece ser influenciado pelos mais velhos, nos diversos domínios (Dunn, 1988).

Outra importante função da família, que afeta o desenvolvimento infantil, é atender às necessidades de saúde, alimentação e segurança da criança. Isto inclui a prevenção de doenças, por meio de vacinações, as visitas rotineiras ao pediatra, postura ativa no combate das doenças que eventualmente possam surgir, além de garantir o suporte energético e nutricional adequado à criança. Também é de responsabilidade dos pais manter a integridade física e emocional da criança, protegendo-a de todo tipo de violência (Guralnick, 2006).

Há evidências de que o ambiente familiar e os cuidados parentais são mediadores dos efeitos do nível socioeconômico sobre a criança (Huston; Bentley, 2010). Os estudos consistentemente demonstram (McLoyd, 1998; Mistry *et al.* 2004; Najman *et al.*, 2009) que, quanto mais severa e persistente for a pobreza, maior será a repercussão negativa sobre o desenvolvimento infantil. Os efeitos da pobreza dentro do microssistema da família também estão relacionados às condições sociodemográficas, como baixa escolaridade dos pais, família numerosa, famílias monoparentais femininas, pais adolescentes, entre outros (McLoyd, 1998). Embora seja difícil isolar o efeito dessas condições, é reconhecido que elas atuam como fatores de risco para o desenvolvimento infantil (McLoyd, 1998; Huston; Bentley, 2010).

Há na literatura duas perspectivas teóricas que procuram explicar a relação entre o impacto da pobreza no ambiente de casa e o desenvolvimento infantil: modelo do investimento familiar e modelo do estresse familiar. A primeira preconiza que famílias economicamente desfavorecidas têm dificuldades para investir em recursos que dão suporte ou estimulam o desenvolvimento infantil. Em outras palavras, o capital financeiro é mais escasso havendo prejuízo no investimento no capital humano da criança, ou seja, há menor oferta de brinquedos, livros, investimento em viagens, passeios e educação complementar (Dearing *et al.*, 2006). A segunda teoria enfatiza que os recursos financeiros escassos são fatores estressores, que esgotam os recursos psicossociais e trazem consequências na saúde mental dos membros da família. Sendo assim, os pais de crianças economicamente desfavorecidas seriam mais suscetíveis a estresse ou alterações de humor e, conseqüentemente, mais punitivos ou menos disponíveis e receptivos às necessidades de atenção, afeto e estímulos da linguagem, cognição e psicomotores da criança (Conger; Donnellan, 2007). Segundo Dering *et al.* (2006), é possível que a teoria do estresse familiar e a teoria do investimento familiar possam apresentar efeitos cumulativos ou interativos.

Viver no contexto da pobreza também deixa a criança mais suscetível a problemas de saúde, ficando, portanto, também exposta a riscos biológicos potencialmente prejudiciais ao seu desenvolvimento (Dearing *et al.*, 2006; Walker *et al.*, 2007). O acompanhamento pré-natal deficiente, a nutrição inadequada, o uso de drogas lícitas e ilícitas e infecções durante a gestação deixam o bebê mais vulnerável à prematuridade, baixo peso ao nascimento e doenças que afetam o desenvolvimento neuropsicomotor (Larson, 2007). Após o nascimento, a criança economicamente desfavorecida pode estar ainda vulnerável à desnutrição crônica e à ingestão insuficiente de micronutrientes como ferro, vitamina A, zinco, além de doenças infecciosas, verminoses e doenças respiratórias. Isso ocorre devido à exposição ambiental a condições sanitárias e de higiene precárias, além de suporte nutricional inadequado e acesso restrito ao atendimento de saúde (Bradley; Corwyn, 2002; Walker *et al.*, 2007).



### 3. O ambiente educacional: a creche

Entrar para a creche significa, para muitas crianças, formar as primeiras relações com outros adultos fora do ambiente familiar, aprender a interagir com outras crianças, seus pares, e receber estímulos, além daqueles oferecidos em casa, para o seu desenvolvimento (Phillips *et al.*, 2006). A creche é um ambiente educacional que atende crianças nos primeiros anos de vida e visa, além do cuidado, favorecer o desenvolvimento físico, psicológico, social e intelectual, pré-requisitos importantes para a entrada na escola anos mais tarde. Mais especificamente, a prontidão para entrada na escola e as habilidades trabalhadas em creches e pré-escolas, tradicionalmente, relacionam-se ao bem-estar físico e ao desenvolvimento motor; ao desenvolvimento social e emocional; ao desenvolvimento da linguagem e introdução ao letramento; o estímulo a habilidades relacionadas à aprendizagem como curiosidade, persistência, criatividade e entusiasmo em se envolver em tarefas; à cognição e conhecimentos gerais (Zaslow *et al.*, 2006; Engle; Black, 2008).

Ao longo das décadas houve mudança no direcionamento das pesquisas dentro dessa temática. Uma primeira geração de estudos buscou comparar crianças que ficavam em casa com aquelas que frequentavam creches, sendo o foco principal o desenvolvimento psicossocial, mais especificamente o impacto negativo da creche na formação do vínculo afetivo entre a díade mãe-filho (Belsky; Rovine, 1988; NICHD, 1997; NICHD, 2001). Os resultados desses estudos são controversos e foram criticados posteriormente, porque a influência de fatores do ambiente familiar sobre as crianças frequentadoras da creche não era controlada (Hungerford; Cox, 2006; Bradley; Vandell, 2007; Phillips; Lowenstein, 2011). Atualmente, acredita-se que o ambiente de creche por si só não seja prejudicial ou benéfico, mas dependa da interação entre vários fatores da creche e do ambiente familiar da criança. No entanto, o maior legado dessa geração de estudos foi o surgimento de senso crítico acerca da necessidade de se atentar para o viés de seleção e outros fatores familiares que podem influenciar o comportamento e o desempenho da criança dentro da creche (Phillips *et al.* 2006; Phillips; Lowenstein, 2011).

Dessa maneira, a segunda geração de pesquisa voltou-se para os estudos dentro do ambiente de creche procurando, entretanto, controlar as influências do

ambiente de casa por meio de tratamento estatístico (Phillips *et al.* 2006; Hungerford; Cox, 2006). Embora isso signifique um grande avanço nos estudos da área, alguns autores alertam para o fato de que tratar os aspectos relacionados à família como covariante pode subestimar o efeito da creche sobre o desenvolvimento infantil (NICHD; Duncan, 2003).

Assim, no atual momento, a chamada terceira geração de estudos sobre a influência da creche no desenvolvimento infantil procura compreender, em vez de controlar, de que forma a casa e a creche interagem para promover o desenvolvimento infantil, por meio do estudo dos efeitos moderador e mediador<sup>1</sup> (Phillips; Lowenstein, 2011). Atualmente é amplamente aceito que compreender o desenvolvimento infantil envolve capturar a inter-relação dinâmica, os impactos cumulativos e os mecanismos compensatórios que operam através dos ambientes imediatos na vida da criança (Phillips *et al.* 2006; Phillips; Lowenstein, 2011). Segundo Newcombe (2003), uma das ferramentas estatísticas que permitem analisar elementos tanto da casa como da creche, em adição aos efeitos dessas variáveis na vida real, é a modelagem de equações estruturais (MEE).

Dentro do ambiente de creche, os principais aspectos pesquisados têm sido a quantidade de tempo e a qualidade do ambiente ofertada para o bem-estar, crescimento e desenvolvimento saudável da criança (Love *et al.* 2003, Phillips *et al.* 2006; Anderson *et al.*, 2003).

Com relação à quantidade de tempo vivenciado por crianças nos primeiros anos de vida no ambiente de creche, há evidências de que muitas horas podem afetar futuramente diferentes aspectos do desenvolvimento psicossocial, como a relação com os pares e problemas de comportamento. No entanto, resultados de diferentes estudos são conflitantes, diferindo quanto à faixa etária mais suscetível e a retenção dos efeitos (Hungerford; Cox, 2006; Bradley; Vandell, 2007). Alguns estudos indicam que a qualidade da creche, além de fatores do ambiente familiar, pode moderar os efeitos da quantidade de tempo (Love *et al.*, 2003). Especificamente, horas de permanência na creche estão mais fortemente

---

<sup>1</sup> Efeito moderador - variável quantitativa ou qualitativa que afeta a direção e/ou a força da relação entre a variável independente e a dependente. Efeito mediador – variável qualitativa ou quantitativa que atuaria como elo ou mecanismo através do qual uma variável independente influencia uma dependente (Rose *et al.*, 2004).



relacionadas a problemas de comportamento quando a criança está em ambiente de qualidade considerada ruim (Phillips *et al.* 2006; Phillips; Lowenstein, 2011).

Aspectos relacionados à creche, particularmente a qualidade, estão significativamente relacionados ao desenvolvimento infantil, mesmo após controlar aspectos do ambiente familiar e características da criança (Love *et al.*, 2003; Hungerford; Cox, 2006). Os indicadores de qualidade de creche mais expressivamente estudados têm sido a estrutura física; a formação ou capacitação dos educadores; a permanência duradoura da equipe; a estrutura do programa; a relação quantidade de crianças por educador e o envolvimento da família (Love *et al.*, 2003; Layzer; Goodson, 2006). Assim, há evidências de que quanto maior a estabilidade da equipe que trabalha com a criança, menor a relação número de crianças por educador, e quanto mais treinado e capacitado for o educador, melhor efeito terá sobre o desenvolvimento da criança. Esses aspectos estão relacionados à maior atenção, responsividade e maior disponibilidade do educador para estimulação cognitiva, da linguagem e motora da criança (Bradley; Vandell, 2007; Phillips; Lowenstein, 2011).

Alguns autores destacam que os estudos sobre a influência da creche no desenvolvimento infantil ainda apresentam alguns desafios como, por exemplo, o fato de a maioria dos estudos ser de associação e não de causa-efeito (Duncan; Gibson-Davis, 2006; Olds, 2007). Outro problema apresentado é a dificuldade de se isolar o efeito de diferentes dimensões do ambiente de creche, por exemplo, a quantidade ou números de horas e a qualidade do ambiente (Hungerfor; Cox, 2006; Bradley, Vandell, 2007). Outro aspecto importante está relacionado ao fato de que há mais estudos sobre alguns domínios do desenvolvimento infantil em detrimento de outros. Zaslow *et al.* (2006), analisando 65 artigos, de 1979 a 2005, encontraram que 85% dos estudos contemplavam o desenvolvimento psicossocial e linguagem, 54% o desenvolvimento cognitivo e 5% apenas avaliam o desenvolvimento físico, ou seja, o desenvolvimento motor e aspectos relacionados à saúde da criança.

Estudos experimentais e não experimentais (Votruba-Drzal *et al.*, 2004; Reynolds *et al.* 2007; Crosnoe *et al.*, 2010, Watamura *et al.*, 2011) indicam que a creche pode ter maior impacto sobre o desenvolvimento de algumas crianças. Particularmente, a qualidade da creche tem efeito maior em crianças que vivem em ambiente familiar de risco (Votruba-Drzal *et al.*, 2004; Hungerford; Cox, 2006,

Watamura *et al.*, 2011). Vários estudos indicam que programas educacionais de alta qualidade têm impacto positivo no desenvolvimento social e cognitivo de crianças com nível socioeconômico baixo, com repercussões na fase adulta (Anderson *et al.*, 2003; Votruba-Drzal *et al.*, 2004; Bradley; Vandell, 2007; Reynolds *et al.*, 2007, Watamura *et al.*, 2011).

Nos países desenvolvidos há programas educacionais governamentais ou não, intensivos e de alta qualidade, para crianças economicamente desfavorecidas, como o *Abecedarian Project*, *Perry Preschool Project*, *Chicago Child-Parenting Centers* (CCPC) e o *Head Start* (Anderson *et al.*, 2003; Phillips *et al.*, 2006; St. Pierre; Rossi, 2006).

Dentro do Projeto CCPC, Reynolds *et al.* (2007) estudaram durante 19 anos uma coorte longitudinal com 1539 crianças de baixa renda. Os autores observaram que os indivíduos que frequentaram educação infantil de alta qualidade, desde os três anos de idade, aos 24 anos apresentaram maior número de conclusão de ensino médio, maior frequência à faculdade, menor índice de violência, prática de crimes, detenções; além de receberem menos auxílios governamentais. Apresentaram, ainda, maior taxa de adesão a seguro saúde e menos sintomas depressivos. Os autores concluíram que tais indivíduos obtiveram ganhos não só em termos educativos, mas também em termos de saúde e bem-estar.

Segundo Engle e Black (2008), os resultados de pesquisas realizadas dentro de alguns desses programas demonstram seus efeitos positivos sobre o desenvolvimento infantil, com tamanho de efeito considerado expressivo (0,50 a 0,75). No entanto, cabe ressaltar que se trata, em sua maioria, de estudos experimentais, pois em estudos naturalísticos observacionais o tamanho do efeito é considerado modesto (até 0,20) a moderado (0,20 a 0,50) (Cohen, 1992; Hungerfor e Cox, 2003; NICHD, 2006).

Muitas publicações (NICHD, 1997; NICHD, 2001b, NICHD, 2006; NICHD, 2010), baseadas em estudos naturalísticos, têm sido originadas do programa *Study of Early Child Care and Youth Develop* financiado pelo *National Institute of Child Health and Human Development* (NICHD). Este programa vem seguindo uma coorte de 1.200 crianças, nascidas em 1991 em dez cidades norte americanas, sendo que o progresso educacional das crianças vem sendo acompanhado (NICHD, 2001b).

Quanto à interação entre a casa e a creche, a literatura revisada foram enfatizados três aspectos principais: a seleção da creche feita pela família (Singer *et al.*, 1998; Early; Burchinal, 2001; McCartney, 2006); a compensação ou impacto cumulativo da qualidade dos ambientes casa e creche (Votruba-Drzal *et al.*, 2004; McCartney, 2006; Watamura *et al.*, 2011) e a creche como apoio à família (McCartney, 2006)

As características sociodemográficas e os valores das famílias influenciam diretamente na escolha da creche ou outros cuidados oferecidos aos filhos como, por exemplo, a idade de entrada e a qualidade da creche (Singer *et al.*, 1998; Early; Burchinal, 2001). Geralmente, pais com mais anos de escolaridade e nível econômico mais elevado, bem como pais mais atentos às necessidades da criança, escolhem a creche visando não apenas um lugar para cuidar da criança enquanto trabalham, mas também que promova educação complementar (Hungerfor; Cox; 2006; McCartney, 2006; Fergusson *et al.*, 2006).

Estudos que investigaram o mesossistema casa-creche têm demonstrado que ambiente educacional de qualidade pode compensar ou proteger crianças que apresentam riscos em seu ambiente familiar (Votruba-Drzal *et al.*, 2004; Watamura *et al.*, 2011). Atualmente, a influência ambiental no desenvolvimento infantil tem sido compreendida em termos das relações de proteção, risco, compensação ou impacto cumulativo entre os ambientes ecológicos nos quais as crianças convivem (McCullocha; Joshi, 2001; Votruba-Drzal *et al.*, 2004; Vanderbilt-Adriance; Shaw, 2008; Watamura *et al.*, 2011). Segundo Watamura *et al.* (2011), o modelo de nichos oferece um esquema para o estudo das relações entre os ambientes. A criança pode experimentar ambiente de “dupla proteção” quando casa e creche são ricos em estímulos, portanto protetores; ambiente de “recursos perdidos”, quando a casa exerce proteção e a creche risco; “cuidados compensatórios”, quando a casa oferece risco e a creche proteção e, finalmente, “risco duplo”, quando ambos são considerados de risco.

A creche como apoio familiar implica na parceria entre creche e casa na educação da criança. A creche promove a educação informal dos pais, geralmente por meio de conversas entre pais e educadores, na chegada ou saída da criança da creche, ou por meio de educação formal como, por exemplo, reuniões, cursos ou visitas domiciliares, entre outras ações (Fergusson *et al.*, 2006; McCartney, 2006).

### 3. A vizinhança

Crescentes evidências têm demonstrado a associação entre a vizinhança onde a criança reside e aspectos do seu desenvolvimento (Kohn *et al.*, 2002, Caughy; O'Campo, 2006; Kohn *et al.*, 2008). Embora não haja consenso quanto à definição, o termo vizinhança geralmente refere-se a uma comunidade delimitada geograficamente, onde existe interação social, compartilhamento de espaços físicos e institucionais (Kohn *et al.*, 2008). Roosa *et al.* (2003) fazem distinção entre vizinhança e comunidade. A primeira se refere a uma área delimitada geograficamente, geralmente residencial. A segunda refere-se a um grupo de pessoas que têm um vínculo em comum e compartilham uma identidade, além de simplesmente compartilhar local de residência.

As vizinhanças diferem quanto à organização social e integração, sendo que aquelas menos coesas e organizadas podem oferecer ambiente menos favorável ao desenvolvimento infantil (Coulton; Korbin, 1996). Organização Social refere-se a organizações formais ou informais, mecanismos de controles presentes dentro de uma vizinhança. Suas fontes incluem normas, valores compartilhados, confiança mútua e o desejo de intervir em prol do bem comum, particularmente em matéria de criação dos filhos (Kohn *et al.*, 2008).

Outro aspecto importante é que a vizinhança pode fazer parte da rede social dos pais, ou seja, pode oferecer suporte nos cuidados diretos da criança, no aconselhamento ou encorajamento aos pais. Pais devidamente apoiados são mais capazes de lidar com suas próprias demandas e, conseqüentemente, atender as necessidades de sua criança (Bornstein; Tamis-Lemonda, 2010). No entanto, os membros de uma rede social nem sempre exercem papel de apoio, pois também surgem conflitos e desentendimentos entre eles, podendo contribuir para o estresse no ambiente familiar (Osofsky; Thompson, 2009).

A literatura analisada difere quanto às variáveis selecionadas para mensurar a vizinhança. Alguns estudos utilizam dados secundários, censitários, principalmente relacionados à estrutura física e a aspectos socioeconômicos da vizinhança (Kohn *et al.*, 2008; Lloyd; Hertzman, 2010; Kenney, 2012;). Outros, no entanto, fazem uso de variáveis que mensuram aspectos relacionados à organização social (Coulton; Korbin, 1996; Caughy; O'Campo, 2006).

A maioria dos estudos sobre a relação entre vizinhança e desenvolvimento está mais concentrada na adolescência e, principalmente, voltada para o domínio psicossocial, seguido do desempenho na escola (Levanthal; Brooks-Gunn, 2000; Schonberg; Shaw, 2007; Vanderbilt-Adriance; Shaw, 2008; Ogers *et al.* 2009, Ogers *et al.* 2012). Portanto, a literatura sobre a influência da qualidade da vizinhança sobre o desenvolvimento de crianças pequenas, e verificando diferentes aspectos do desenvolvimento infantil, é escassa (Kohn *et al.*, 2008).

Segundo Leventhal e Brooks-Gunn (2000), a maneira como a vizinhança influencia o desenvolvimento da criança e de adolescentes tem sido apresentada teoricamente na literatura por meio dos modelos: (a) modelo de recursos institucionais da vizinhança, ou seja, a vizinhança influencia no desenvolvimento da criança por meio dos recursos e políticas presentes como parques, bibliotecas, centros comunitários, serviços como creches, unidades básicas de saúde; (b) modelos coletivos de socialização da vizinhança, que propõem que a vizinhança influencia no desenvolvimento da criança por meio da organização social da comunidade, incluindo modelos sociais de adultos, estruturas e rotinas; (c) modelo de contágio, que foca no problema do comportamento e tem como base a premissa de que o comportamento negativo dos vizinhos ou pares influencia fortemente ou espalha para os outros; (d) modelo de competição, o qual sugere que vizinhos ou pares competem pelos recursos escassos da comunidade; e (e) modelo de depravação relativa, o qual postula que as condições da vizinhança afetam os indivíduos por meio da avaliação de sua própria situação em relação aos seus vizinhos ou pares.

Estudos ecológicos ressaltam que, diferentemente da adolescência, quando a influência da vizinhança pode ser direta, durante a infância a vizinhança exerce influência sobre o desenvolvimento, entretanto, por meio de mediação ou moderação da família, principalmente no caso de crianças menores (Kohen *et al.*, 2002). Durante os primeiros anos de vida é papel dos pais supervisionar e tomar as decisões pela criança, controlando, dessa forma, sua participação em atividades dentro e fora de casa. Além disso, os pais agem no sentido de filtrar a exposição da criança à vizinhança (Kohen *et al.*, 2008). Por outro lado, aspectos relacionados à organização social, estrutura física e socioeconômica da vizinhança onde reside a

família podem afetar os pais e, por meio dos cuidados parentais, atingir a criança pequena (Huston; Bentley, 2010).

Famílias economicamente desfavorecidas geralmente residem em vizinhanças nas quais a criança está mais exposta à alta densidade populacional, maior índice de criminalidade e delinquência, além do maior número de abandono escolar, menor oportunidade de acesso à recreação e escolas de boa qualidade (Engle; Black, 2008). Observa-se, ainda, maior taxa de desemprego, maior número de famílias monoparentais femininas, menor coesão e apoio entre vizinhos (Roosa *et al.*, 2003).

A partir de revisão da literatura, Leventhal e Brooks-Gunn (2000) concluíram que vizinhanças mais afluentes contribuem para melhor prontidão, ou seja, melhor preparo para ingressar na escola e, no caso de crianças maiores, melhor desempenho escolar do que vizinhanças menos afluentes, mesmo controlando-se a influência do ambiente familiar. Além disso, em vizinhanças com menor poder aquisitivo é mais provável encontrar problemas de comportamento. No entanto, os autores ressaltam que o tamanho do efeito da vizinhança sobre os resultados de testes de desempenho infantil tem se mostrado modesto (0,05 a 0,10).

Alguns autores têm procurado analisar o efeito em longo prazo de se viver, desde pequeno, em comunidades mais carentes (Ogers *et al.* 2009; Lloyd *et al.*, 2010; Odgers *et al.* 2012). Segundo os resultados do estudo longitudinal de Lloyd *et al.* (2010), em que crianças de 5 a 6 anos foram acompanhadas até 12 ou 13 anos, viver desde pequeno em uma vizinhança que concentra desvantagens socioeconômicas pode ter repercussão na compreensão da leitura, anos mais tarde.

No entanto, o efeito da vizinhança no desempenho da criança parece depender de três aspectos: efeito composicional, ou seja, depende da interação das características da própria criança com a vizinhança; efeito contextual, que significa a emergência de propriedades físicas e sociais da vizinhança; e efeitos coletivos, relacionados às características socioculturais e históricas da vizinhança (Macintyre *et al.* 2002). Dessa forma, estudos com crianças que vivem em vizinhança com privações têm demonstrado que alguns fatores relacionados à família, como pais atentos e cuidadosos, ou ao indivíduo, como o quociente de inteligência da própria criança, ou mesmo fatores relacionados à vizinhança, como a eficácia coletiva ou organização social, podem atuar como protetores, ou moderadores gerando



ajustamento social positivo (Vanderbilt-Adriance; Shaw, 2008, Ogers *et al.* 2009; Flouri *et al.*, 2012).

### **Considerações finais**

O desenvolvimento é resultado da interação dinâmica entre o indivíduo com suas características tanto genéticas e biológicas, como construídas, em sua interação com o contexto ambiental. No ambiente familiar, os cuidados parentais, a oferta de bens e serviços, e outros fatores intrínsecos a esse ambiente, são a base para o desenvolvimento infantil.

Os estudos indicam que as creches podem contribuir para o desenvolvimento infantil, caso a oferta dos serviços seja de boa qualidade. Isso é importante principalmente para crianças residentes em ambientes familiares de risco para o desenvolvimento. Crianças economicamente desfavorecidas são expostas a vários fatores de risco socioeconômicos mediados pela família ou vizinhança onde residem. Portanto, essas crianças estão em desvantagem e têm menos oportunidades de atingir seu pleno potencial de desenvolvimento, em relação às crianças economicamente favorecidas. Nessas condições, creches de boa qualidade poderiam mediar melhor o desenvolvimento a longo prazo.

Os estudos relacionados à vizinhança são escassos na faixa etária de crianças menores, mas aqueles existentes apontam para efeito indireto, ou seja, a família seria a mediadora ou moderadora da influência desse ambiente no desenvolvimento infantil.

Portanto, propostas de intervenções ou políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento infantil necessitam levar em consideração a importâncias da qualidade dos diferentes ambientes ecológicos em que a criança encontra-se inserida.

## Referências

ANDERSON LM, SHINN C, FULLILOVE MT, SCRIMSHAW SC, FIELDING JE, NORMAND J, CARANDE-KULIS VG, Task Force on Community Preventive Services. The effectiveness of early childhood development programs. A systematic review. *Am J Prev Med*, v 24(3S), pp. 32-46, 2003.

BELSKY J, ROVINE M. Nonmaternal care in the first year of life and the security of infant-parent attachment. *Child Dev*; v. 59(1), pp. 157-167, 1988.

BLAIR C, RAVER CC. Child development in the context of adversity experiential canalization of brain and behavior. *American Psychological Association*, v. 67(4), pp. 309–318, 2012.

BORNSTEIN MH, TAMIS-LEMONDA CS. Parent–infant interaction In: BREMNER JG, WACHS TD. *Blackwell Handbook of Infant Development 2<sup>th</sup> Edition*, Malden: *Blackwell Publishing*, pp. 458-482, 2010.

BORNSTEIN MH, SAWYER J. Family systems In: MCCARTNEY K, PHILLIPS D. *BLACKWELL Handbook of Early Childhood Development*, Malden: *Blackwell Publishing*; pp.382-398, 2006.

BRADLEY RH, CORWYN RF. Socioeconomic status and child development. *Annu Rev. Psychol*; v. 53, pp. 371–99, 2002.

BRADLEY RH, VANDELL DL. Child care and the well-being of children. *Arch Pediatr Adolesc Med*; v.161(7), pp. 669-76, 2007.

BRONFENBRENNER U, Ceci SJ. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a biological model. *Psychological Review*; v.101(40), pp. 568-586, 1994.

BRONFERBRENNER U. Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: *Artmed*; 2011.

CABRERA NJ, FAGAN J, WIGHT V, SCHADLER C. Influence of mother, father, and child risk on parenting and children’s cognitive and social behaviors. *Child Development*; v. 82 (6), pp. 1985–2005, 2011.

CAUGHY MO; O’CAMPO PJ. Neighborhood poverty, social capital, and the cognitive development of african american preschoolers. *American Journal of Community Psychology*; v. 37 (1/2), pp. 141-154, 2006.

CONGER RD, DONNELLAN MB. An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annu Rev Psychol*; v. 58, pp. 175–99, 2007.

COHEN J. Quantitative methods in psychology. A power primer. *Psychological Bulletin*, v. 112(10), pp 155-159, 1992.

COULTON CJ; KORBIN JE; SU M. Measuring neighborhood context for young children in an urban area. *American Journal of Community Psychology*; v. 24:, pp. 5-32, 1996.

CROSNOE R, LEVENTHAL T, WIRT R J, PIERCE KM, PIANTA RC. Family socioeconomic status and consistent environmental stimulation in early childhood. *Child Development*, v. 81(3), pp. 972–987, 2010.

DEARING ED, BERRY D, ZASLOW M. Poverty during early childhood In: McCartney K, Phillips D. *Blackwell Handbook of Early Childhood Development*, Malden: *Blackwell Publishing*; pp. 399- 423, 2006.

DUNCAN GJ, GIBSON-DAVIS CM. Connecting child care quality to child outcomes: drawing policy lessons from nonexperimental data. *Evaluation Review*; v. 30 (5), pp. 611-630, 2006.

DUNN J. Sibling Influences on Childhood development. *J Child Psychol Psychiatr*, v. 29(2), pp.119-127, 1988.

ENGLE PL, BLACK MM. The effect of poverty on child development and educational outcomes. *Ann N Y Acad Sci*; v. 1136, pp. 243–256, 2008.

EARLY DM; BURCHINAL MR. Early childhood care: relations with family characteristics and preferred care characteristics. *Early Childhood Research Quarterly*, v. 16, pp. 475–497, 2001.

FERGUSON DM, GRANT H, HORWOOD LJ, RIDDER EM. Randomized trial of the Early Start program of home visitation. *Pediatrics*, v. 116, pp. e803- e809, 2005.

FIGUEIRAS AC, SOUZA ICN, RIOS VG, BENGUIGUI Y. Manual para vigilância do desenvolvimento infantil no contexto da AIDPI. Washington: *Organização Pan-Americana da Saúde*; 2005.

FLOURI E, MAVROVELI S, TZAVIDIS N. Cognitive ability, neighborhood deprivation, and young children's emotional and behavioral problems. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*; v 47, pp. 985–992., 2012.

GRANTHAM-MCGREGOR S, CHEUNG YB, CUETO S, GLEWWE P, RICHTER L, STRUPP B. Developmental potential in the first 5 years for children in developing countries. *Lancet*, v. 369(6), pp. 60-70, 2007.

GUARALNICK MJ. Family influences on early development: integrating the science of normative development, risk and disability, and Intervention In: McCartney K, Phillips D. *Blackwell Handbook of Early Childhood Development*, Malden: *Blackwell Publishing*; pp. 44-61, 2006.

HACKMAN DA, FARAH MJ. Socioeconomic status and the developing brain. *Trends in Cognitive Science*, v.13 (2), pp. 65-73, 2008.

HUNGERFORD A. COX MJ. Family factors in child care research. *Eval Rev*; v. 30, pp. 631-655, 2006.

HUSTON AC, Bentley AC. Human development in societal context. *Annu Rev. Psychol*, v. 61, pp. 411–437, 2010.

IRWIN LG.; SIDDIQI A; HERTZMAN C; The equalizing power of early child development: from the commission on social determinants of health to action. *Child Health and Education*; v. 1 (3), pp. 146-161, 2007.

KELLY JF, BARNARD K. Assessment of parent-child interaction: implications for early intervention In: Shonkoff JP, Meisels SJ. Handbook of Early Childhood Intervention, New York: 2<sup>th</sup> ed. *Cambridge University Press*; pp. 258- 289, 2009.

KENNEY, MK. Child, Family, and neighborhood associations with parent and peer interactive play during early childhood. *Matern Child Health J*; 16 Suppl 1. pp. 88-101, 2012.

KOHEN DE, LEVENTHAL T, DAHINTEN VS, MCINTOSH CN. Neighborhood disadvantage: pathways of effects for young children. *Child Development*; v. 79(1): pp.156–169, 2008.

KOHEN DE, BROOKS-GUNN J, LEVENTHAL T, HERTZMAN C. neighborhood income and physical and social disorder in Canada: associations with young children's competencies. *Child Development*; v. 73(6), pp.1844-1860, 2002.

LARSON CP. Poverty during pregnancy: Its effects on child health outcomes. *Paediatr Child Health*; v. 12(8), pp. 673-677, 2007.

LAYZER JI, GOODSON BD. The "quality" of early care and education settings: definitional and measurement issues. *Eval Rev*; v. 30, pp.556- 576, 2006.

LEVENTHAL T, BROOKS-GUNN J. The neighborhoods they live in: the effects of neighborhood residence on child and adolescent outcomes. *Psychological Bulletin*; v. 126(2), pp. 309-337, 2000.

LLOYD JEV, LI L, HERTZMAN C. Early experiences matter: Lasting effect of concentrated disadvantage on children's language and cognitive outcomes. *Health & Place*; v. 16, pp. 371–380, 2010.

LOVE JM, HARRISON L, SAGI-SCHWARTZ A, IJZENDOORN MH, ROSS C, UNGERER JA, RAIKES H, BRADY-SMITH C, BOLLER K, BROOKS-GUNN J, CONSTANTINE J, KISKER EE, PAULSELL D, CHAZAN-COHEN R. Child Care quality matters: how conclusions may vary with context. *Child Development*; v.74(4), pp. 1021–1033, 2003.

MARSIGLIO W; AMATO P; DAY DR; MICHAEL EL. Scholarship on Fatherhood in the 1990s and Beyond. *Journal of Marriage and the Family*, v. 62, pp. 1173–1191, 2000.

MACINTYRE S, ELLAWAY A, Cummins S. Place effects on health: How can we conceptualize, operationalize and measure them? *Social Science & Medicine*; v.55, pp.125–139, 2002.

MCCARTNEY, K. The family-child care mesosystem. In A. Clark-Stewart & J. Dunn (Eds.), *Families count: Effects on child and adolescent development*. Cambridge:Cambridge University Press., pp. 155-175, 2006.

MCCULLOCHA A, JOSHI HE. Neighbourhood and family influences on the cognitive ability of children in the British National Child Development Study. *Social Science & Medicine*, pp. 579–591, 2001.

MCLOYD VC. Socioeconomic disadvantage and child development. *American Psychologist*; v. 53(2), pp. 185-204, 1998.

MISTRY RS, BIESANZ JC, TAYLOR LC, BURCHINAL M, COX MJ. Family income and its relation to preschool children's adjustment for families in the NICHD study of early child care. *Developmental Psychology*, v. 40(5), pp. 727–745, 2004.

NATIONAL INSTITUTE OF CHILD HEALTH AND HUMAN DEVELOPMENTAL EARLY CHILD CARE RESEARCH (NICHD). The effects of infant child care on infant-mother attachment: results from the NICHD Study of Early Child Care. *Child Dev.*, v. 68(5), pp. 860-879, 1997.

NATIONAL INSTITUTE OF CHILD HEALTH AND HUMAN DEVELOPMENT (NICHD). Child care and family predictors of preschool attachment and stability from infancy. *Dev Psychol.*, v. 37(6), pp. 847-62, 2001.

NATIONAL INSTITUTE OF CHILD HEALTH AND HUMAN DEVELOPMENTAL EARLY CHILD CARE RESEARCH (NICHD). Nonmaterial care and family factors in early development. An overview of the NICHD study of early child care. *Journal of Applied Developmental Psychology*, v. 22, pp. 457-492, 2001b.

NATIONAL INSTITUTE OF CHILD HEALTH AND HUMAN DEVELOPMENT EARLY CHILD CARE RESEARCH (NICHD). Duncan GJ. Modeling the impacts of child care quality on children's preschool cognitive development. *Child Development*, v. 74, pp. 1454-1475, 2003.

NATIONAL INSTITUTE OF CHILD HEALTH AND HUMAN DEVELOPMENTAL-NICHD. Effect sizes for the study of early child care and youth development. *American Psychologist*, v. 61(2), pp. 99–116, 2006.

NATIONAL INSTITUTE OF CHILD HEALTH AND HUMAN DEVELOPMENT EARLY CHILD CARE RESEARCH (NICHD). do effects of early child care extend to age 15 years? Results from the NICHD study of early child care and youth development. *Child Development*, v. 81(3), pp. 737–756, 2010.

NAJMAN JM, RH MOHAMMAD, HERON MA, BOR W, O'Callaghan MJ, WILLIAMS G M. The impact of episodic and chronic poverty on child cognitive development. *J Pediatr.*, v. 154, pp. 284-289, 2009.

NEWCOMBE NS. Some controls control too much. *Child Development*, v. 74 (4), pp. 1050-1052, 2003.

ODGERS CL, CASPI A, MICHAEL A. RUSSELL MA, SAMPSON RJ, ARSENAULT L, MOFFITT TE. Supportive parenting mediates widening neighborhood socioeconomic disparities in children's antisocial behavior from ages 5 to 12. *Dev Psychopathol*; v. 24(3), pp. 705–721, 2012.

ODGERS CL, MOFFITT TE, TACH L, SAMPSON RJ, TAYLOR A, MATTHEWS CL, CASPI A. The protective effects of neighborhood collective efficacy on british children growing up in deprivation: A Developmental Analysis. *Developmental Psychology*; 45(4), pp. 942–957, 2009.

OSOFSKY JD, THOMPSON MD. Adaptative and maladaptive parenting: perspectives on risk and protective factors In: Shonkoff JP, Meisels SJ. *Handbook of early childhood intervention*, New York: 2<sup>th</sup> ed. *Cambridge University Press*, pp 54- 75, 2009.

OLDS D. Improving preschool for low-income children with programmatic randomized controlled trials. [editorial]. *Arch pediatr adolesc med*, v. 161(8), pp. 807-809, 2007.

PACHECO ALPB, DUPRET L. Creche: desenvolvimento ou sobrevivência? *PsiUSP*, v 15(3), pp. 103-116. 2004.

PARKE RD. Development in the family. *Annu Rev Psychol*; v. 55, pp. 365–99. 2004.

PHILLIPS D, MCCARTNEY K, SUSSMAN AMY. Child care and early development In: MCCARTNEY K, PHILLIPS D. *Blackwell handbook of early childhood development*, Malden: Blackwell Publishing; pp. 471-489, 2006.

PHILLIPS DA, LOWENSTEIN AE. Early Care, Education, and Child Development *Annu Rev Psychol*; v. 62, pp. 483–500, 2011.

PLOMIN R, DANIELS D. Why are children in the same family so different from one another? *International Journal of Epidemiology*; v. 40, pp. 563–582, 2011.

REYNOLDS AJ; TEMPLE JA; OU SR; ROBERTSON DL, MERSKY JP; TOPITZES JW; NILES MD. Effects of a school-based, early childhood intervention on adult health and well-being. *Arch Pediatr Adolesc Med*; v.161(8), pp. 730-39, 2007.

ROOSA MW, JONES S, TEIN JY, CREE W. Prevention science and neighborhood influences on low-income children's development: theoretical and methodological issues. *American Journal of Community Psychology*; v. 31(1/2), pp. 55-72, 2003.



ROSE, BM, HOLMBECK GN, COAKLEY RM, FRANKS, EA. Mediator and moderator effects in developmental and behavioral pediatric research. *Developmental and Behavioral Pediatrics*; v. 25 (1),p :58-67, 2004.

SCHONBERG MA, SHAW DS. Risk factors for boy's conduct problems in poor and lower-middle-class neighborhoods. *J Abnorm Child Psychol* 2007; 35:759-772.

SARKADI A, KRISTIANSSON R, OBERKLAID F, BREMBERG S. Fathers' involvement and children's developmental outcomes: a systematic review of longitudinal studies. *Ann Acta Pædiatrica*; v. 97, pp.153-158, 2008.

[SHORT-DEGRAFF](#) MA, [PALISANO](#) ROBERT J. Human development for occupational and physical therapists. Philadelphia: *Williams & Wilkins*; 1988.

SINGER JD, FULLER B, KEILEY MK, WOLF A. Early Child-Care Selection: Variation by Geographic Location Maternal Characteristics, and Family Structure. *Developmental Psychology*, v. 34(5), pp. 1129-1144, 1998.

ST.PIERRE RG, ROSSI PH. Childhood programs randomize groups, not individuals: a strategy for improving early. *Eval Rev*; v. 30, pp. 656 -685, 2006.

THOMPSON RA, NELSON CA. Developmental science and the media: early brain development. *Am Psychol.*, v. pp. 56: 5-15, 2001.

TUDGE JRH, MOKROVA I, HATFIELD BE, KARINIK RB. Uses and misuses of bronfenbrenner's bioecological theory of human development. *Journal of Family Theory & Review*, v. 1, pp. 198-210, 2009.

VANDERBILT-ADRIANCE E, SHAW DS. Protective factors and the development of resilience in the context of neighborhood disadvantage. *J Abnorm Child Psychol.*, v. 36, pp. 887-901, 2008.

VOTRUBA-DRZAL E, COLEY RL, LANSDALE PLC. Child Care and low-income children's development: direct and moderated effects. *Child Development*, v. 75(1), pp. 296 - 312, 2004.

WALKER SP, WACHS TD, GARDNER J M, LOZOFF B, WASSERMAN GA, POLLITT E, CARTER JA. Child Development: risk factors for adverse outcomes in developing countries. *Lancet*, v. 369(13), pp. 145-157, 2007.

WATAMURA SE, PHILLIPS DA, MORRISSEY TW, MCCARTNEY K, BUB K. Double jeopardy: poorer social-emotional outcomes for children in the NICHD SECCYD Experiencing home and child-care environments that confer risk. *Child Development*, v. 82 (1), p. 48-65, 2011.

ZASLOW M, HALLE T, MARTIN L, CABRERA N, CALKINS J, PITZER L, MARGIE NG. Child outcome measures in the study of child care quality. *Evaluation Review*, v. 30 (5), pp. 577-610, 2006.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 05/2017

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.